

## Trajetórias paralelas do violão em Belo Horizonte no século XX: a academia e o rádio

SIMPÓSIO: Panorama da pesquisa sobre violão no Brasil

*Fábio Nery de Souza*  
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais  
[fabio.souza@uemg.br](mailto:fabio.souza@uemg.br)

*Flavio Barbeitas*  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
[flateb@gmail.com](mailto:flateb@gmail.com)

**Resumo.** Descreve-se a trajetória do violão em Belo Horizonte ao longo do século XX, expondo a dicotomia entre a academia, já estabelecida como ambiente de ensino formal e que, em fins dos anos 1970, incorporava o instrumento em seu currículo, e, de outro lado, o rádio, meio de comunicação em ascensão no país desde a primeira metade do século, que acolheu o repertório violonístico seresteiro e popular. Por meio de entrevistas e revisão bibliográfica, pretende-se identificar personagens, amadores e profissionais do violão, capazes de descrever os significados dos dois ambientes na constituição da história do instrumento na capital de Minas Gerais.

**Palavras-chave.** história do violão; violão no rádio; violão em Belo Horizonte; dicotomia erudito e popular; música e sociedade

### **Parallel trajectories of the guitar in Belo Horizonte in the 20th century: the gym and the radio**

**Abstract.** This paper describes the trajectory of the guitar in Belo Horizonte throughout the 20th century, exposing the dichotomy between the academy, already established as a formal teaching environment and which, at the end of the 1970s, incorporated the instrument into its curriculum, and, on the other hand, the radio, a medium on the rise in the country since the first half of the century, which welcomed the seresteiro and popular guitaristic repertoire. By means of interviews and bibliographical review, we intended to identify characters, amateurs and professionals of the guitar, capable of describing the meanings of both environments in the constitution of the history of the instrument in the capital of Minas Gerais.

**Keywords.** history of the guitar; guitar on the radio; guitar in Belo Horizonte; erudite and popular dichotomy; music and society

### **1. Primeiros passos**

A nova capital mineira foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897. Consta em livros, jornais e programas de recitais que Belo Horizonte em suas primeiras décadas recebeu importantes nomes do cenário musical de então, como Pixinguinha e os Oito Batutas<sup>1</sup>, Américo Jacomino, João Pernambuco, Isaías Sávio, Levino da Conceição, Josefina Robledo, Juan Rodriguez, Manoel Lopes Ramos<sup>2</sup> entre outros. Já esse elenco demonstra o papel da música em um projeto de modernização em que a recém criada capital acolhia a produção do mercado fonográfico e artístico da época. Em 1901, Belo Horizonte podia contar com o trabalho pioneiro de Francisco Flores, fundador da primeira Escola Livre de Música e de uma orquestra sinfônica.

---

<sup>1</sup> Freitas (2005, p17).

<sup>2</sup> Santos (1973, p.131)

Em setembro de 1926, inaugurava-se o Conservatório Mineiro de Música, instituição que, nos anos 1960, viria a ser a atual Escola de Música da UFMG. Segundo Aubin (2015),

[O] Conservatório Mineiro de Música nos moldes do Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro visava à instrução e formação de professores de música, além de educar outras camadas da população, através das vagas destinadas aos “alunos reconhecidamente pobres”, e também das vagas reservadas à força policial (que já desenvolvia trabalhos com bandas policiais em eventos cívicos na cidade. (AUBIN, 2015, p. 62).

A capital, em busca de uma organização musical, mirava a música erudita como um elemento de legitimação social e artística seguindo o modelo do Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro. Ainda longe da academia, o violão em Belo Horizonte tinha espaço nos salões e marcava presença nos festejos populares pelas mãos de boêmios e poetas apaixonados.

## 2. O violão em direção à academia

José de Assis Martins (1910 - 1969) pode ter sido o primeiro professor de violão de Belo Horizonte realmente dedicado à música erudita. Christovam dos Santos<sup>3</sup>, no livro de memórias *Em Louvor do Espírito* (1973), dá o seguinte testemunho:

Estamos em 1930. Deu-se o encontro feliz. José Martins [...]e o nosso violão. [...] A Senhora Filomena Vivacqua Barroca incumbiu-se de ministrar-lhe as primeiras lições. [...] em 1932 conheceu [...]a Escola de Tárrega e os segredos da nova técnica transplantada da Espanha [...] pelas [...] mãos da Senhora Josefina Robledo, predileta discípula de Francisco Tárrega (SANTOS, 1973, p.130).

Esse violão de viés acadêmico, por assim dizer, restringia-se em ambientes privados, particularmente nos salões da família Vivacqua e do professor Arduíno Bolívar<sup>4</sup>. Os Vivacqua, de classe média-alta, eram ligados à arte e ativos no movimento cultural do princípio do século. As memórias de Eunice Vivacqua descrevem que “Filomena escolheu a música, formando-se pianista pelo Conservatório Mineiro.” (VIVACQUA, 1997, p.47)

---

<sup>3</sup> Christovam Colombo dos Santos foi escritor, professor da faculdade de engenharia da UFMG e aluno de José Martins.

<sup>4</sup> A escritora Eunice Vivacqua narra que sua família veio do Espírito Santo para tratar a saúde de seu irmão, por indicação de Miguel de Oliveira Couto, médico clínico geral, político e professor. Arduíno Bolívar é referenciado no livro da família Vivacqua, e a autora descreve sua casa na Av. Augusto de Lima como um espaço de sociabilidade de intelectuais e artistas.



(Foto 1): Salão Vivacqua – Lembrar para Lembrar



(Foto 2): Salão Vivacqua – Filomena Vivacqua Barroca

Salões como esses foram historicamente significativos por receberem diversos escritores, professores, artistas e músicos que vinham à cidade para reuniões culturais em um ambiente seletivo. No documentário *Violões de Minas* (2007) José Pascoal Guimarães, relata:

Havia no passado [...] a casa de Arduino Bolivar que era professor de grego, latim. Um homem muito culto e ele reunia lá, uma elite muito grande, inclusive o professor [...] Christovam Colombo dos Santos [...]. Nesta mesma época apareceu também o Barrios, que morou, e que esteve na casa do Arduíno e tocava violão fazendo reuniões assim.<sup>5</sup> (*Violões de Minas*, 2007. 9:17min)

A cidade recebera, além de Agustín Barrios (1885–1944), a violonista Josefina Robledo, hóspede de Christovam dos Santos, fato que parece confirmar as aulas do professor Martins com a violonista espanhola. Segundo a professora de violão do antigo Conservatório Mineiro e da Escola de Música da UFMG, Raquel Tostes (1950),

o Christovam hospedou a Josefina Robledo aqui em Belo Horizonte. Ela levou um golpe do empresário e ficou para trás. Então ela ficou participando daquele ambiente musical. [...] o professor Martins deve ter usufruído [...] e ele teve aula com ela, seguramente.<sup>6</sup> (TOSTES, 2019)

<sup>5</sup> *Violões de Minas*. Direção: Geraldo Vianna, Produção: Gvianna, 2007, DVD.

<sup>6</sup> Entrevista de Maria Raquel Tostes, realizada em 21-10-2019.

A turnê desta importante violonista de alguma forma impulsionou a aproximação do violão com a música erudita na capital mineira. Caberia a José Martins desdobrar esse passo inicial com um importante trabalho didático que resultaria na formação de alguns discípulos, entre eles valendo destacar não só a própria Rachel Tostes como também Walter Alves.

Walter de Carvalho Alves nasceu em 1923, foi professor e coordenador de música do Instituto São Rafael, onde lecionava violão popular e erudito. Passagem relevante de sua carreira ocorreu em 1978, quando lecionou no X Seminário Internacional de Violão em Porto Alegre. Entre vários de seus alunos, figuram José Lucena e Eduardo Campolina.



(Foto 3): Walter Alves, Lucena e Eustáquio Grillo.



(Foto 4): Walter Alves (à esquerda), José Martins. Fonte: Elaine Alves.

Por sua vez, Rachel Tostes estudou com Mozart Bicalho, José Martins, Isaias Sávio, Antônio Carlos Barbosa Lima e Abel Carlevaro. Foi a primeira professora de violão da FUMA- (Fundação Mineira de Arte), posteriormente incorporada à atual Universidade do Estado de Minas Gerais, ali inaugurando, em 1979, o primeiro bacharelado em violão no estado. Antes, em 1976, ela e José Lucena criaram o curso técnico e posteriormente o bacharelado em violão

na UFMG, onde trabalhou até a sua aposentadoria. Tostes foi professora de violonistas como Gilberto de Carvalho<sup>7</sup>, Alieksey Vianna<sup>8</sup> entre outros.

Essa breve genealogia capta o estado embrionário do violão erudito em Belo Horizonte e sua posterior institucionalização acadêmica. Nos salões da burguesia refinada, ponto de encontro de intelectuais, poetas e músicos, destacaram-se violonistas como Barrios, Robledo e Martins. Ao mesmo tempo que testemunhavam a fragilidade de enraizamento social da cultura letrada e da música de concerto na sociedade mineira de então, os salões forneceram, de alguma forma, uma rede de acolhimento para o violão erudito que, por certo período e em que pesem alguns eventos extraordinários, não excederia muito o círculo restrito dos saraus e recitais domésticos.

Nesse mesmo período, um violão diferente, de caráter popular, ocupava ruas e teatros com saraus e serestas. Ele encontraria no rádio seu principal meio de divulgação e legitimação.

### 3. A primeira fase do Rádio

Mais ou menos em 1925 começa a primeira fase do rádio. A música circulava em partituras editadas e gravações, mas o mercado carecia de impulso nas vendas. A parceria disco e rádio nasceu com a intenção de divulgar o trabalho das gravadoras. Iniciava-se

o fenômeno da caituagem<sup>9</sup>, pois na medida em que o rádio foi ganhando força, os astros do disco passaram a solicitar aos locutores e novos produtores, como Casé, Renato Murce e Cesar Ladeira, a divulgação de suas músicas (FREDERICO, 1982. p. 54).

A música gravada e tocada no rádio propicia o surgimento de ídolos musicais, tal como descreve Frederico:

O rádio já conseguia seus primeiros ídolos, na maioria vindos da indústria fonográfica. Dentre eles se encontravam Francisco Alves, Carmem Miranda, Mário Reis, Augusto Calheiros e muitos outros. Ao lado deles vários instrumentistas se destacavam, os violonistas: Manoel Lima, Romualdo Miranda, João Pernambuco e o bandolinista João Miranda são exemplos. Conjuntos regionais se fizeram também presentes, como: Os Turunas, e os Bandos dos Tangaras de Almirante e Noel Rosa. (FREDERICO, 1982, p.53-54)

Nesta fase, Mozart Bicalho fazia sucesso com sua valsa *Gotas de Lágrimas*. Na mesma época, César Ladeira inovava na locução adjetivando e “rebatizando os cantores ao

---

<sup>7</sup> Estudou violão na FUMA (1979/1981) e composição na UFMG (1977/1982), onde, em 1993, tornou-se professor de Composição.

<sup>8</sup> Violonista com sólida carreira internacional, graduou-se no Conservatory of Music (EUA) com mestrado na Hochschule für Musik Basel, Suíça.

<sup>9</sup> (Regionalismo brasileiro) Ato de promover algo, geralmente no campo artístico. Propagandear. <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso 25/02/2020

apresentar Francisco Alves como “o rei da voz”; Silvio Caldas, o “poeta da voz”; Emilinha Borba, “a favorita da Marinha”; Almirante, “a maior patente do rádio”; (FREDERICO, 1982, p.53), expandindo mais tarde essa dicção exagerada para os violonistas e outros produtos anunciados nos programas de rádio.

A lei 2.111, em 1932, não só regulamentou as atividades de radiodifusão no país, como concedeu o direito de exploração comercial. Alcançando milhares de ouvintes, o rádio se firmou como veículo de massa, sendo um grande divulgador da música no país.

O rádio reinou no Brasil como o mais importante veículo de comunicação no período de 1932 – ano da promulgação de uma lei que lhe permitiu a propaganda remunerada [...], por ser um transmissor de sons, coube-lhe como função principal levar música aos seus usuários. Isso propiciou à nossa canção popular um extraordinário crescimento. (SEVERIANO, 2008, p.316)

Data de 1931 a inauguração da mais antiga rádio de Belo Horizonte, a Rádio Mineira, seguida, em 1936, pelas rádios Guarani e Inconfidência. (RODRIGUES, 2008, p. 18)

#### **4. Os primeiros violonistas mineiros do rádio**

Mozart Bicalho (1901-1986) desde criança teve uma educação musical privilegiada, aprendeu a ler partitura em família. “Anos mais tarde, através do auxílio de seu irmão Antônio Raimundo, que lecionou na Escola Nacional de Música na cidade do Rio de Janeiro, Mozart recebeu as primeiras instruções sobre a técnica do violão” (MARTINS, 2013, p. 21). Em 1929, Bicalho é contratado pela Odeon e grava sua mais famosa composição “Gotas de Lágrimas”. Em 1943, retorna à capital mineira e trabalha nas rádios Guarani, Inconfidência e Pampulha. Inaugura uma escola de violão e entre seus alunos figuram Rachel Tostes e Marilene Gangana, posteriormente professora de canto na UFMG. Assim Tostes relata suas aulas com Bicalho:

Quando eu comecei a querer tocar violão, [...] meu pai me colocou para estudar com Mozart Bicalho. Lembro que a minha mãe gostava muito, porque era um [...] repertório mais leve, *Gotas de Lágrimas*, *Abismo de Rosas* e várias pecinhas de composições do próprio Mozart. Ele tinha um método (que ele mesmo escreveu). Cada página tinha uma música, e cada semana eu tinha que estudar uma música diferente seguindo o método<sup>10</sup> (TOSTES, 2019).

Parceiro em composições e amigo de Bicalho, Nelson Piló nasceu em 1914 e sua história musical se confunde com o rádio. Aos 13 anos, orientado pelo irmão que estudava

---

<sup>10</sup> Entrevista de Maria Raquel Tostes, realizada em 21-10-2019.

violino do Conservatório Mineiro, inicia-se no violão pelo método de Matteo Carcassi<sup>11</sup> e em leitura musical com o livro de Alexis de Garaudé<sup>12</sup>. Segundo Alexandre Piló, “a carreira de seu pai foi impulsionada pela atuação em rádios, possibilitando seu deslocamento como solista para outras cidades.”<sup>13</sup> Ao se transferir para o Rio de Janeiro em 1946, desenvolveu trabalhos de copista, arranjador e compositor, deixando mais de 250 composições para violão. Em 1969, volta para Belo Horizonte e passa a lecionar, tendo como alunos Darci Villaverde<sup>14</sup>, Silvio Carlos<sup>15</sup> entre outros.

Fecha-se o trio dos violonistas do rádio em BH com Sebastião Idelfonso (1928) que aprendeu violão na adolescência, ainda antes de ingressar na banda da polícia militar onde estudou teoria e solfejo. Segundo Idelfonso, sua escola foi o violão brasileiro de Canhoto, João Pernambuco, Mozart Bicalho e Dilermando Reis, seu ídolo. Sua primeira apresentação no rádio foi no programa de Valdomiro Lobo<sup>16</sup>: “e assim fui tocando choro, valsas e serestas na rádio Mineira, Guarani, entre outras que existiam na época”<sup>17</sup>. Idelfonso esteve à frente do programa “Meu Amigo, o Violão” com o parceiro José Vieira (1911-1994): “nós tocávamos todos os sucessos do violão na época. Era um programa único aqui em Minas Gerais”.

Éramos apaixonados por violão, fazíamos programa na rádio Guarani e na Inconfidência. O Alencar da Silveira me contratou com chefe do regional da Inconfidência[...] e tinha o meu programa separado “Meu amigo violão”. Com o regional eu acompanhava os cantores que iam se apresentar na rádio. Nesta época as pessoas procuravam aula de violão e aqui em Belo Horizonte [...] éramos três do rádio: Eu, o Mozart Bicalho e depois veio o Nelson Piló do Rio de Janeiro [...]. Nós éramos os professores do violão do rádio. (IDELFONSO, 2019)

Sebastião chama a atenção para a divisão entre o violão "acadêmico" e o do rádio, e para sua amizade com os professores José Martins e Walter Alves:

Tinha um professor fino que dava aula individual, era o José Martins [...] era apaixonado pelo instrumento, como eu sou também. O violão dele falava bonito demais, Nossa Senhora!! Ele tocava os grandes compositores como Beethoven, Chopin, Mozart, era uma coisa maravilhosa ver ele tocando. O José Martins era o melhor, o mais preparado, uma coisa nível acima. [...] Existia uma divisão clara: música clássica no violão e a música do rádio. (IDELFONSO, 2019).

---

<sup>11</sup> Matteo Carcassi (1792-1853) foi um dos compositores violonistas italianos do século XIX e notabilizou-se como pedagogo por meio de seus Estudos e de seu Método.

<sup>12</sup> Alexis de Garaudé (1779 -1852), compositor francês, tornou-se conhecido na didática musical por uma série de lições e métodos de solfejos.

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 25-03-2017.

<sup>14</sup> Violonista atuante, recebeu em 1966 o troféu *hors-concours* do Concurso Internacional de Violão, em Paris, onde estudou com a legendária Ida Presti.

<sup>15</sup> Estudou com Nelson Piló, Agostinho Bob e José Lucena, dedicando-se posteriormente ao violão de 7 cordas.

<sup>16</sup> Valdomiro Lobo conduzia o programa de calouros, *A Hora da Corneta*. (PARREIRAS, 2014, p.54).

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Sebastião Idelfonso em 18-11-2019.

Idelfonso gravou mais de trinta álbuns, e, hoje aos 92 anos, se emociona ao falar do violão:

O professor Martins era o principal violão chamado clássico, [...] ele tocava música para ouvir, admirar, era dos compositores sérios. Ele tinha os alunos que queriam tocar essa música séria. Eu e outros do rádio, eram músicas populares dos programas de rádio. Tocávamos música para ouvir, cantar e dançar. [...] Tudo que o povo ouvia no rádio. Mas depois, o pessoal do clássico começou a tocar o nosso repertório, acho que eles viam valor nesta música. (IDELFONSO, 2019).

Destaque-se dessa fala um traço marcante da história do violão no Brasil, não só em Minas Gerais: a separação de dois universos violonísticos que se diferenciavam em muitos aspectos, tanto especificamente musicais – como técnica, repertório, sonoridade, ideais estéticos – quanto socioculturais – ambiente, público, funcionalidade. Voltaremos a esse tema ao final, apontando uma hipótese para a releitura desse aspecto histórico.

### **5. A segunda fase do Rádio**

Em 1935, na segunda fase da radiodifusão, surge o conceito de massa. O enfoque agora são os mecanismos da produção-consumo, diretamente ligados à sociedade industrial exaltada pelo Estado Novo. A parceria rádio e publicidade traz investimentos: "depois da hegemonia do locutor, iniciou-se a do produtor, do maestro, do arranjador e principalmente do cantor" (FREDERICO, 1982, p.59). Valoriza-se o violão do rádio com apresentações solo, gravações e a presença nos auditórios como acompanhador nos grupos de regionais. Essa idade de ouro do rádio, com suas características ligadas ao público frequentador dos auditórios, foi sem dúvida o período em que o violão se firmou como significativo produto fonográfico e editorial no país.

Seguindo exemplo das capitais vizinhas, em Belo Horizonte a rádio Inconfidência construiu um auditório com capacidade entre 900 e 1200 lugares. O violão estava presente nas apresentações do regional da Rádio Inconfidência, como se vê (foto7) pela participação de músicos como Elias Salomé (violão) e Juvenal Dias (flauta). O regional era uma espécie de coringa nas rádios, acompanhavam os artistas sem a necessidade de um “arranjo” prévio.



(Foto 5): Auditório Rádio Inconfidência. - Fonte: Hely Drummond.

**NOTICIÁRIO**

— Constituiu fato dos mais brilhantes a inauguração do novo e luxuoso auditório da Rádio Inconfidência (o maior do Brasil — para mais de 1.200 lugares), instalado no Lakmé. Está assim aparelhada a mais potente emissora de Minas, a proporcionar ao público ouvinte, os mais bem feitos e selecionados programas.

(Foto 6): reportagem Rádio Inconfidência. - Fonte: Revista do Rádio - ano 1 nº 03



(Foto 7): - Fonte: Hely Drummond.

— Fizeram sua estréia na PRI-3 os festejados violonistas DICO e URZE, dois concertistas de valor e cuja interpretação os coloca entre os grandes elementos da arte do violão elétrico.

(Foto 8): reportagem Rádio Inconfidência. Fonte: Revista do Rádio - ano 2 nº 14

Nesta fase, o uso de alcunhas por parte dos locutores – “O Poeta do Violão”, “Sua Majestade, o Violão” – pode ter ajudado na sua popularização e na formação de um público que abrangia da classe trabalhadora à elite política do país. Foi o período das adjetivações e dos superlativos, muito usados por Cesar Ladeira na Rádio Mayrink. Segundo Frederico, nasce aí certa farsa promocional:

Essa prática se transformou em verdadeira obsessão, saturando, em todas as emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro com “o maior”, “a melhor” etc. Era uma decorrência dos parâmetros criados pelas verdadeiras personalidades do rádio como no caso de César Ladeira. (FREDERICO, 1982, p. 59)

Os jornais da época relatam que a adjetivação prejudicava a credibilidade das estações devido à banalização de “maior”, “melhor”, “rei”, “preferido”. De resto, para o que aqui nos interessa, a prática é sinal de um modo de legitimação próprio do rádio e que tinha consequências para o campo artístico que ali se desenvolvia, moldando as relações, o gosto, as referências e a hierarquia. O crivo dos microfones e dos reclames da audiência patrocinada impunha critérios de funcionamento bem diferentes dos padrões estéticos acadêmicos, o que devia mesmo levar a um estranhamento entre os músicos dos dois universos, tal como ficou evidenciado no depoimento de Sebastião Idelfonso.

Nesse período do exagero publicitário, o Kitsch<sup>18</sup> encontra seu meio ideal. Diante dele, os intelectuais se retraíram, perdendo espaço radiofônico e midiático:

Os criadores e artistas (intelectuais em geral), ao invés de reagirem e de encontrarem novas formas de comunicação para atenderem a essa gama nova de público que o rádio atingia, enclausuraram-se cada vez mais dos meios de massa e deixando até de criticá-los, os ignoraram constituindo-se em verdadeiras castas que não desejavam contato ou menção ao veículo. Os poucos que colaboravam assinavam com pseudônimo. (FREDERICO, 1982, p. 61)

## 6. Conclusão

Como apontado no título do texto, pode-se dizer que ocorreu com o violão em Belo Horizonte, guardadas eventuais particularidades, a reprodução de um padrão brasileiro: a separação de trajetórias do instrumento de acordo com origens socioculturais de seus praticantes, da música que faziam e do público a que era destinada. Os depoimentos colhidos em entrevistas feitas especificamente para esta pesquisa de doutorado, ainda em seu momento inicial, demonstraram a existência de dois universos musicais cujos valores e referências,

---

<sup>18</sup> Segundo Frederico, o Kitsch está associado ao artesanato seriado, à sociedade de consumo, na sua estrutura, se houver, encontra-se uma mistura de gêneros e delimitações. (FREDERICO, 1982 p. 90)

incidindo sobre o mesmo instrumento, terminaram praticamente por desdobrá-lo: eram técnicas, repertórios, gostos, ideais e pertencimentos tão distintos que deixavam em comum apenas o aspecto físico do instrumento, quase tudo o mais sendo específico de cada um dos ambientes.

As trajetórias permanecem paralelas por muito tempo, mas não indefinidamente – eis a mencionada hipótese para uma releitura do violão brasileiro. Assiste-se, já há alguns anos, numa época em que rádio e academia deixaram de polarizar a questão e se tornaram apenas rótulos para designar diferenças históricas, a uma espécie de conciliação dos "violões brasileiros". Desfeitas as justificativas para preconceitos estéticos, esmaecida no horizonte a ideia de progresso nas artes, desponta em perspectiva o diálogo entre essas tradições – ou escolas, como se preferir. A operação ocorre em todos os âmbitos: performático, pedagógico, historiográfico. Em cada um deles são várias as questões a se discutir: desde uma recuperação da sonoridade e das técnicas do violão do rádio até um alargamento do repertório do violão brasileiro, passando pelas transformações pedagógicas provocadas por essas reconsiderações históricas e performáticas. Todos, temas instigantes para a continuidade desta pesquisa e de muitas outras.

### Referências bibliográficas

- AUBIN, Myrian Ribeiro. *A Música Erudita Na Conformação De Espaços Na Cidade: Belo Horizonte De 1925 A 1950*. Belo Horizonte, 2015. 366 f. Tese Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2015.
- BARTOLONI, Giacomo. *O Violão na Cidade de São Paulo no período de 1900 a 1950*. 1995. São Paulo, 1995, 134 f. Dissertação em Artes. Instituto de Artes da UNESP.
- DRUMMOND, Hely Ferreira. Entrevista realizada no dia 04 de março, Belo Horizonte, 2020.
- FREDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da Comunicação*. Petrópolis, Editora Vozes, 1982, 168 p.
- FREITAS, Marcos Flávio de Aguiar. *O CHORO EM BELO HORIZONTE: Aspectos históricos, compositores e obras*. Belo Horizonte, 2005. 51f. Dissertação de Mestrado, Escola de Música da UFMG. Belo Horizonte, 2005.
- IDELFONSO, Sebastião. Entrevista realizada no dia 18 novembro, Belo Horizonte, 2019.
- MARTINS, Reginaldo de Almeida. *Muito além da valsa Gotas de Lágrimas: o violão seresteiro de Mozart Bicalho em transcrições e arranjos de seus álbuns Sonhando ao Luar e Um Senhor Violão*. Dissertação em música. UFMG. Belo Horizonte 2013.
- PARREIRAS, Ricardo. *O Gigante do Ar: A História da Rádio Inconfidência Narrada por Ricardo Parreiras e convidados*. Belo Horizonte, Rádio Inconfidência, 2014. 116p.
- PILÓ, Alexandre. Entrevista realizada no dia 25 março, Belo Horizonte, 2017.



RODRIGUES, Luiz Pedro. Show do Rádio: pessoas e fatos ligados ao rádio de Minas Gerais. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2º ed. 2005.

SANTOS, Christovam Colombo dos. *Em louvor do espírito*. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1973.173 p.

SEVERIANO, Jairo. *Uma História da Música Popular Brasileira – das origens a modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2008.499 p.

SOUZA, Fábio Nery de; *Nelson Piló (1914 – 1986) e seus Estudos para violão solo: aspectos biográficos do compositor e dados sobre 157 Estudos resgatados*, Dissertação em música. UFMG, Belo Horizonte, 2018.100 p.

TOSTES, Maria Raquel. Entrevista realizada no dia 21 de outubro Belo Horizonte, 2019.

VIVACQUA, Eunice. Salão Vivacqua - Para Lembrar e lembrar/ Eunice Vivacqua. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro. 1997.143p